

VISÕES DO RIO DE JANEIRO NAS CRÔNICAS DE JOAQUIM MANOEL DE MACEDO E JOÃO DO RIO E SUAS PROJEÇÕES NO ENSINO DE LITERATURA

Maria Cristina Ribas (UERJ)

maricrisribas@uol.com.br

Carolina Santiago (UERJ)

Rafaela Ramos (UERJ)

1. Introdução

O século XIX não foi de grande importância apenas para a consolidação do jornalismo, como também para a formação da literatura brasileira. Entre as duas áreas há uma distância tênue, principalmente no Rio oitocentista, em que literatura e jornalismo dialogavam e se constituíam de maneira híbrida, especialmente por conta do suporte – jornal – que veiculava a produção literária do período. Nesse sentido, o jornal foi o importante, para não dizer o primeiro, veículo de cultura de massa no Brasil.

O fenômeno ocorreu de maneira concomitante à construção de uma nação, ainda que 85% da população brasileira, no 2º reinado, fossem analfabetos. Porém, apesar de as duas estarem em constante formação, a literatura brasileira representou grande contribuição à mais ampla circulação do jornal, não só em relação ao espaço que esse proporcionou ao crescimento e desenvolvimento literário, mas também por disseminar ideias e debates que favoreceram a formação de uma opinião pública, os leitores. Relevamos, aqui, uma contribuição decisiva do jornal para a literatura brasileira: a formação do leitor. Segundo Michelle Strzoda, “o estabelecimento da imprensa no Brasil foi determinante para pensar a nação e para auxiliar na construção definitiva de uma literatura genuinamente brasileira: pensada, escrita, e desenvolvida por brasileiros, no Brasil”. (STROZDA, 2010, p.22) Embora discordemos do atributo “genuína” da autora, – porque implica em um purismo de conceito que não endossamos –, entendemos o seu esforço em marcar a importância do gênero jornalístico para a formação da literatura e do leitor no Brasil.

O desenvolvimento e modernização do Rio tiveram como consequência transformações também na imprensa brasileira que, as-

sim, pode ter mais liberdade para publicar o que fosse de seu desejo, na medida do possível, sem estar mais tão ligada à propaganda política. Podemos dizer que nesse momento desenvolveu-se uma espécie de sensação de autonomia que, embora parcialmente ilusória - por conta do regime político e modo de produção -, funcionou como estopim à produção literária. Escritores brasileiros como Joaquim Manoel de Macedo, José de Alencar, Machado de Assis, Lima Barreto, entre outros, foram de grande importância para o desenvolvimento da imprensa brasileira e, conseqüentemente, para a formação de uma literatura brasileira, disseminada, graças aos periódicos e jornais, neste contexto histórico favorável.

Como não havia, ainda, profissões de jornalista, nossos escritores assumiram este lugar. A forte ligação imprimiu, aos jornais oitocentistas, um tom mais literário e, ao mesmo tempo, didático, ou seja, com o desejo de aproximação do leitor e de criação de um público leitor, os jornais e periódicos assumiram uma função cultural e educativa. A questão da *proximidade* é fundamental no contexto da modernidade pós-revolução industrial e, cada vez mais, ganha consistência na sociedade contemporânea. *Estar próximo* do público, qualquer que seja, é considerar os efeitos do produto, no caso, o texto literário, na esfera da recepção.

Nossos escritores-jornalistas permitiram que aquela população tivesse contato com informações políticas, internas e externas, e com a literatura. A democratização do acesso à leitura culminou no período identificado como Romantismo, estilo literário que quebrou os padrões literários então vigentes, com a pretensão de uma literatura mais livre do cânone e mais próxima do que se reconhecia como brasileiro. O Romantismo contribuiu para a chamada “explosão jornalístico-literária na imprensa carioca”, a partir do momento em que inseriu a população na literatura em seus costumes e falares, o que, por sua vez, contribuiu para o crescimento do público-leitor. Com esse aumento, cada vez mais foi fortalecida uma literatura e uma linguagem, dentro do jornal, que interessasse aos leitores da época. Isso só foi possível com o jornal carioca do séc. XIX, que teve espaço para o folhetim e, doravante, para as crônicas, “que ocuparam um espaço em comum nos periódicos oitocentistas: o rodapé literário das páginas de variedades (...), destinados a entreter os leitores e a conferir

mais leveza às edições.” (STRZODA, 2010, p. 53), onde nasceu, segundo a autora, o que chamamos, hoje, de *Jornalismo Cultural*.

Originados dos jornais de Paris, como o *Journal des Débats e La Presse*, a crônica e o romance-folhetim, através de publicações seriadas, foram a primeira literatura de massa do século XIX. Como bom exemplo, temos o romance-folhetim *A Moreninha*, de Joaquim Manoel de Macedo, que teve um grande sucesso em número de vendas e é considerado pelos críticos como o primeiro romance nacional. O romance-folhetim e a crônica também têm grande importância na divulgação destes gêneros no país, os quais conseguiram até emancipar-se do jornal, tal a sua disseminação, apesar de a crônica estar presente/ligada, até hoje, aos jornais.

A crônica, que circula facilmente entre literatura e jornal, pelo seu caráter híbrido, é o gênero em que nos deteremos neste trabalho, exatamente pelas suas características de mesclar história, memória, literatura, jornal, linguagem popular, humor etc. É um texto que disponibiliza ao leitor um apanhado social, político e cultural do tempo e do espaço em que se situa, e, portanto, é importante o trabalho com ela em sala de aula. Aos poucos os alunos vão chegando a várias percepções; sem deixar de trabalhar com um gênero literário, começa a entender o processo de composição literária dos escritores que, muitas vezes, utilizavam os fatos como matéria prima para exercer seus estilos e criatividade.

As crônicas exigiam de seus escritores uma observação atenta da sociedade, desde os últimos acontecimentos até o modo de vida da sociedade carioca oitocentista, e ao contrário do que parece ou do que críticos “preconceituaram”, ela não é necessariamente efêmera ou superficial, tanto que, hoje, são consideradas documentos de grande valor histórico e literário. Segundo a autora Michelle Strzoda, “a busca pelo humor, pela caricatura, pelo cenário e pelo diálogo constante com o leitor faz da crônica um gênero popular, talvez o mais popular no meio jornalístico.” (STROZDA, 2010, p. 22) Dessa forma, foi considerada, por vezes, um gênero “menor”, porém veremos que a miscelânea de acontecimentos, reflexões e literatura que só a crônica consegue fazer, nos dará um rico material de trabalho nas aulas de literatura.

No Rio de Janeiro do séc. XIX temos uma fértil produção de crônicas dos nossos escritores, que têm grande valor para a história e memória do Brasil. Neste trabalho, nos deteremos a Joaquim Manoel de Macedo (1820-1882) e João do Rio (1881-1921), escritores que, cada um no seu tempo e contexto social, convergem no que diz respeito ao ato de observância da cidade do Rio de Janeiro, e, por que não dizermos, ao ato de flunar.

2. *Joaquim Manoel de Macedo*

Foi um dos escritores que mais escreveu crônicas nos jornais cariocas e por mais tempo. Só no *Jornal do Commercio*, Joaquim Manoel de Macedo escreveu por vinte e cinco anos ininterruptos. Conhecido nos bancos escolares apenas pelo romance *A Moreninha*, Macedo contribuiu, durante quase toda a sua vida, para vários jornais oitocentistas com crônicas, artigos políticos e romances-folhetins, sendo assim, um autor importante para a história da imprensa literária do Rio de Janeiro. Suas crônicas rememoram o Rio de Janeiro oitocentista de uma maneira bem particular. O escritor/jornalista traz questionamentos político-sociais à tona, ao mesmo tempo em que “conta histórias”, resgatando o folclore e a cultura (preocupação do próprio escritor), com um tom literário, sendo suas crônicas um belo exemplo do gênero no nosso país. Macedo, com a preocupação de uma linguagem simples e, conseqüentemente, de uma aproximação com o leitor, dialoga com este ao longo de sua narrativa. Dessa forma, faz apontamentos sérios, como críticas políticas e sociais, por meio de uma aparente conversa informal. Em “São João de Itaboraí” (*Ostensor Brasileiro – Jornal Literário Pictorial – 1846*), que é considerada sua primeira crônica publicada, Macedo já se mostra bastante crítico em relação ao Brasil:

Rico, saudável, alegre e cheio de proporções para ser grande, Itaboraí, todavia ou permanece estacionário, ou sem progresso e quase imperceptível: porque não progride ele?... É que no Brasil tudo quanto é aproveitável, grande, nobre e preciso se olvida e se despreza... Há só uma consideração, que pode tudo, que nunca se esquece, que dirige todas as nossas seções... o interesse próprio. (MACEDO, 2010, p. 89)

Esse caráter crítico continuará aparecendo nas crônicas de Joaquim Manoel de Macedo, mas nem por isso elas perdem o estímulo da leitura. Ainda que com críticas sociais contundentes, a leitura con-

tinua leve e, principalmente, instigante. Na seção “O Labirinto” (*Jornal do Commercio* – crônicas publicadas entre 23 de abril e 17 de dezembro de 1860), por exemplo, Macedo deixa claro esse caráter social na crônica de 20 de maio:

O título de ‘O Labirinto’ que tomamos exprime a verdadeira essência desses artigos; porque o ‘O Labirinto’ tem por fim daguerreotipar uma época de coisas inextricáveis, em que tudo e todos se veem atrapalhados e com a cabeça andando à roda, sem saber por onde entraram, e menos por onde podem sair. (...) O nosso ‘O Labirinto’ portanto refletirá, à semelhança de um espelho, a vida da nossa sociedade, e portanto um labirinto social onde todos se acham às tontas com os erros, que são muitos, os despropósitos não poucos, e apenas encontram raros os acertos, que já parecem milagres. (MACEDO, 2010, p. 138-9)

A ironia, assim como o diálogo com o leitor, está fortemente marcada nas crônicas de Joaquim Manoel de Macedo. Nesta mesma seção, na crônica de 2 de julho de 1860, ele ironiza o fato de desembolsarem cento e quarenta contos de réis por ano para o teatro lírico, que só havia cantores italianos, enquanto o Brasil tinha outras prioridades:

Mas donde sai esse dinheiro, que não importa um ônus para o Estado?... Sai do bolso do povo: e de que povo?... Do povo pobre: e para que fim?... Para divertimento dos ricos. Ah!, povo pobre!... A ti melhor que a ninguém se pode aplicar o sic *vos non vobis* de Virgílio, pois que ninguém melhor do que tu representa o papel de abelha, que fabrica o mel, não para si, e o do boi que puxa o arado em proveito de outros. É, com efeito, o povo pobre quem com o tributo das loterias sustenta o teatro lírico, o teatro aristocrático, o teatro de luxo, que pode somente ser frequentado pelos ricos. Mas também para que diabos servem os pobres senão para pagar os prazeres, os divertimentos e os gozos dos ricos?... Viva *La pátria!*... (MACEDO, 2010, p. 157-8)

Não só de críticas sociais se detém Macedo. Ele caminha pelo Rio de Janeiro e conduz o leitor a um passeio pela cidade; suas palavras “soavam como um chamariz para abandonar a cidade física e entrar na cidade literária.” (STRZODA, 2010, p. 86). Nas crônicas da seção “O Passeio”, publicadas no *Jornal do Commercio* entre 1861 e 1862, nós podemos perceber isto. Esta seção deu origem ao livro *Um Passeio pela Cidade do Rio de Janeiro*, que se tornou referência em estudos de memória cultural e geográfica da cidade. Nela, vemos mais fortemente o diálogo com o leitor, com pretensão a uma conversa informal e uma caminhada junto ao leitor: “Paremos agora um pouco, e conversemos por dez minutos.” (2010, p. 205). Macedo,

com essas crônicas, também nos leva a um Rio de Janeiro anterior a ele, com histórias de tradição popular que estavam se perdendo em seu tempo. O próprio autor demonstra a preocupação de preservação destas tradições:

Achareis que vos estou contando coisas que todos sabem. Ah! Lembrai-vos que os tempos que vão passando levam consigo, pouco a pouco, as usanças, os costumes, as ideias e também algumas cerimônias religiosas dos nossos antigos, e que, portanto, convém ir conservando a memória de todos esses traços que caracterizam e nos mostram as feições do nosso passado. (MACEDO, 2010, p. 226)

Um passeio pela cidade do Rio de Janeiro é dividido em oito partes: *O Palácio Imperial; O Passeio Público; O Convento de S. Teresa; Convento de S. Antônio; A igreja de S. Pedro; O Imperial Colégio de Pedro II; A capela e o recolhimento de N. S. do Parto; A Sé do Rio de Janeiro*. Em todas essas partes, o leitor é de fato levado a esses lugares, conhecendo suas histórias, evoluções, situações de desleixo por parte do governo, tamanha a qualidade de descrição de Macedo, que constrói imagens, através de seus relatos, sendo uma obra maravilhosa até para quem não conhece os lugares citados, deixando uma curiosidade nestes leitores de conhecê-los. Dentro dessas crônicas, pelo fato de Macedo nos contar a história desses lugares, há narrativas, e é nesta parte que adentramos mais na ficção presente nestas crônicas, que nos faz viajar no tempo juntamente com o autor. Em *O Convento de S. Teresa*, constatamos essas imagens:

Deixemos, pois, as novas e belas ruas abertas ainda ontem e subamos de preferência pelo antigo caminho do Desterro, que depois se transformou em ladeira de S. Teresa, ladeira íngreme, demasiado fatigante e que muito mais penosa seria se, a cada passo que vai subindo, o homem não tivesse ao lado direito um encanto que lhe ocupa o ouvido no murmúrio da corrente da Carioca, que desce pelo encanamento, e ao lado esquerdo mil encantos que lhe disputam os olhos, no quadro formoso e variadíssimo da baía do Rio de Janeiro. Não temos necessidade de subir muito: o convento de S. Teresa ali está. Voltai-vos à direita, levantai a cabeça, aí o tendes. Foi um piedoso retiro, e ao mesmo tempo uma prisão tristíssima. (...) Esperai um pouco: não nos aproximemos ainda do convento. Sentemo-nos em frente dele nestas pedras, e, antes de encetar a sua história, comecemos pela recordação de uma ermida que o precedeu. (MACEDO, 2010, p. 280)

3. *João do Rio, A alma encantadora das ruas*

Escrita por um cronista jornalista, *A alma encantadora das ruas* apresenta, de forma artística, a investigação que João do Rio fez durante suas andanças no centro urbano do Rio de Janeiro.

Assemelhando-se a Machado, João do Rio consegue transmitir ao leitor uma visão panorâmica da cidade que se transforma geográfica (a obra foi escrita durante o governo do prefeito Pereira Passos, que fez modificações profundas na paisagem carioca) e socialmente. O espaço físico que escolhe para demonstrar, eficazmente, tais transformações é a rua – e o personagem que anda nela, o *flâneur*, observador incansável, encantado por tudo que vê.

O livro divide-se em cinco partes (*A rua*, *O que se vê nas ruas*, *Três aspectos da miséria*, *Onde às vezes termina a rua*, *A musa das ruas*) e cada uma delas é essencial para compreender o estudo jornalístico e literário que o escritor fez de sua cidade. A obra inicia-se com a crônica "A rua", parte que o escritor reserva para declarar seu amor incondicional pela via pública e para demonstrar o ambiente social em contínuo processo de transformação. Na segunda parte, são apresentadas as profissões que povoam as ruas, isto é, os subempregos (ambulantes, tatuadores, os artistas urbanos, entre outros) e o que pode ser encontrado, além disso.

Em *Três aspectos da miséria*, o espaço urbano é a fonte para a crítica à desigualdade social. O escritor também demonstra, através da união de crônicas *Onde às vezes termina a rua*, o enclausuramento de alguns cidadãos que, após atos impensados ou deliberados, perdem o direito de transitar livremente. No final do texto há a comparação entre Musa Inspiradora (entidade divina que traz inspiração ao poeta, sobretudo romântico) e acontecimentos que, para a grande maioria das pessoas são banais, mas para o escritor, são fontes de inspiração constantes.

Após estabelecer tais distinções entre os capítulos, percebe-se que, através da narrativa, o Rio de Janeiro transforma-se em quadro e sua moldura são as ruas, pois, avaliando os acontecimentos da República, através da paisagem urbana, nota-se que João do Rio vê uma cidade que se moderniza, mas ainda mantém uma grande classe de pessoas que vivem na miséria, ou realizando profissões desvalorizadas, ou criando novas atividades para suavizar a pobreza. Existe também aqueles que, nas palavras do autor, vestem bem, dormem

bem, chegam a ter opiniões, sistema moral, ideias políticas. Ninguém lhes pergunta a fonte inexplicável do seu dinheiro.

É retratado também um Rio que, apesar do anseio de transformar-se em uma capital com semelhanças europeias (preferencialmente Paris), ainda mantém uma população que prefere a leitura descartável, deixando de lado os grandes clássicos, caracterizando, dessa forma, uma população que ainda não havia se instruído.

O preconceito social também está presente durante a narrativa e é muito bem exposto através de um breve diálogo entre um vendedor e uma jovem, na crônica *Mariposas do Luxo*, que fica encantada com um tapete e resolve perguntar o preço do objeto. O homem informa para ela o preço e pergunta, ironicamente, se a menina quer comprar, gerando dessa forma um mal estar, pois o comerciante sabia que a adolescente não possuía dinheiro para tal extravagância.

O próprio título da crônica já remete ao leitor a sensação de imobilidade social para determinadas classes, já que o que a mariposa faz é apenas voar ao redor da lâmpada e observar o que há nela, mas nunca pode adentrá-la, pois é inacessível, nota-se mais uma crítica do autor: é permitido transitar nas ruas chiques, mas nunca ser, de fato, integrante definitivo daquele meio.

Além disso, em um dos parágrafos do texto, o narrador descreve as adolescentes que esperam o movimento da Rua do Ouvidor (rua em que se vendia acessórios caríssimos para membros da alta sociedade) terminar para transitar entre as vitrines. Durante o seu detalhamento, percebe-se que a maioria das jovens que compartilham de tal atitude é mestiça, revelando que a pobreza estava (e ainda está) relacionada à cor dos habitantes, ou seja, do lado do preconceito social existia o preconceito racial.

O autor também denuncia a exploração infantil e a corrupção. Para ele, esses eram acontecimentos sociais inaceitáveis, e a polícia, ou seja, as autoridades responsáveis, não pretendiam mudar a realidade por puro descaso.

Ao elencar as visões que Paulo Barreto tinha do Rio de Janeiro: desigualdade social, preconceitos racial e social, exploração infantil, corrupção, população sem cultura, desejo das autoridades em transformar o espaço urbano em uma cidade francesa, a formação de

novas profissões para driblar a pobreza extrema e descaso das autoridades, nota-se que o autor tinha consciência de estar vivendo em uma cidade extremamente plural, onde o belo, requintado e novo unia-se ao feio, deselegante e ultrapassado, por isso, quando finaliza o livro, descreve a Musa das Ruas, ou seja, a Inspiração, que era toda essa divergência social, cultural, geográfica que residia, assim como ele, na Cidade Maravilhosa.

4. Primeiras conclusões

Depois de passearmos pelas visões do Rio de Janeiro através das crônicas de Joaquim Manoel de Macedo e João do Rio, procuramos mostrar, num primeiro momento, de que forma são interessantes essas crônicas no ensino de literatura. Levando-se em conta tudo o que foi exposto, podem-se levantar questões que defendam a prática da leitura em sala de aula a partir do gênero em questão. Uma delas pode ser o encontro dos alunos com o(s) outro(s) lado(s) dos escritores, que muitas vezes são eternizados com uma, e apenas uma, visão (geralmente a dos romances). A introdução das crônicas no ensino nos permite mostrar aos alunos, de maneira mais ampla, esses escritores.

Atualmente, existe na escola pública uma dificuldade de ensinar o aluno a pensar, os professores de português ficam extremamente preocupados em ensinar aos jovens apenas conceitos gramaticais e se esquecem que o ensino de língua portuguesa transcende essas questões.

Não se vê, na maioria das escolas, aulas reservadas à leitura e à análise (interpretação) de textos, quando essa atividade é feita, o docente apenas trabalha com o conceito hermeticamente fechado do livro didático e não estimula debates em sala de aula. Será que está ocorrendo realmente uma aprendizagem?

Se um professor do ensino médio ou do ensino fundamental decidisse trabalhar crônicas em sala de aula, após a leitura do texto *A alma encantadora das ruas*, por exemplo, as visões que Paulo Barreto expôs na sua obra sobre o Rio de Janeiro poderiam ser debatidas. Os jovens aprenderiam mais sobre a formação histórica do país, como a modificação brusca do espaço físico, que contribuiu para certos

problemas sociais presentes atualmente, questionar se todos os problemas apontados no texto foram resolvidos com o passar dos anos, o preconceito (social e racial) ainda continua e o que fazer para combatê-lo. Enfim, a partir de uma crônica o professor pode trabalhar temas diversos.

Esse gênero literário permite também que o aluno tenha um contato inicial com a literatura de forma despretensiosa, pois se trata de um estilo que prefere os assuntos cotidianos e a linguagem acessível, o que desconstrói aquela visão de que se é literatura, é chato, difícil e para poucos e configura uma resistência ao aprendizado antes mesmo de começar. O preconceito torna-se um obstáculo ao aprendizado e tem a capacidade de bloquear o discurso. Ao trabalhar com formação, é fundamental colocar em xeque os condicionamentos que constituem os sujeitos envolvidos. No caso de alunos do ensino médio, o preconceito com literatura, a dificuldade de concentração, experiências anteriores de leitura como obstáculo intransponível e inútil, são ‘colaboradores’ que atuam contra o aprendizado e que, por isso mesmo, precisam ser considerados para serem desfeitos.

Justamente buscando minimizar a distância percebida entre os jovens leitores (alunos) e o texto literário, pensamos que o gênero textual crônica vem se instalar nesse espaço ocupado por preconceitos, memórias de experiências mal sucedidas, atribuições negativas, baixo-estima. Pela sua coloquialidade, leveza, tom de conversa, aproxima-se mais do leitor, entra na sua intimidade sem devassá-lo, e o cronista apresenta-se como se fosse um conhecido. A proximidade é uma estratégia muito bem-vinda na contemporaneidade.

Um mergulho nas crônicas pode favorecer um trabalho de base interdisciplinar com história, geografia, estudos culturais, arte popular e erudita, educação, sociedade, ecologia, novela, cinema, mesmo literatura, uma série de áreas e temas que não encontram restrição no gênero. Pode ser trabalhada a temporalidade, a relação do fato com o olhar do cronista, a atualização de temas sob seu crivo bem humorado, irônico, sarcástico, dramático...

Através da leitura de crônicas, o professor, dentre outros procedimentos, pode também solicitar a elaboração de textos parecidos com o gênero em foco, para, dessa forma, ampliar o vocabulário dos alunos, ensiná-los a organizar o pensamento e a constituir a própria

subjetividade e o tempo de escrita, desconstruindo outro tabu: é difícil escrever.

Com isso, o aluno, além de se inserir no mundo literário, quebra paradigmas e descobre que a literatura não é apenas leitura no sentido restrito, mas um estudo que dialoga com temas diversos, que inclui a si mesmo e ao mundo em seu foco particular. E, em função do trabalho desenvolvido em sala, junto ao aluno – referimo-nos à leitura compartilhada –, a crônica pode documentar costumes de época, desejos, frustrações, denúncias, conquistas ou, simplesmente, um descontentamento qualquer, uma reflexão filosófica e até mesmo a velha filosofia de botequim.

Pelo exposto entendemos que o gênero textual crônica pode se tornar um recurso para desenvolver reflexões em sala de aula, conhecer textos e autores, aprender sobre a história de um país, de uma cidade, de um povo, saber eventos da cidade, do campo, andar como um *flâneur* – na alma encantadora das ruas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BENJAMIM, Walter. O narrador. In: _____. *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. São Paulo: Brasiliense, 1994.

CANDIDO, Antonio. A vida ao rés do chão. In: CANDIDO, Antonio. *Recortes*. São Paulo: Cia. das Letras, 1993.

MARTINS, Ricardo André Ferreira. A imprensa literária no Maranhão oitocentista. *I Colóquio Internacional de Estudos Linguísticos e Literários* – UEM. Disponível em: <http://www.cielli.com.br/downloads/303.pdf>

OLIVEIRA, Aline Cristina de. Crônica: um gênero menor? Indagações acerca do texto lítero-jornalístico. *II Colóquio da Pós-graduação em Letras* – UNESP. Disponível em: <http://www.assis.unesp.br/posgraduacao/letras/mis/coloquio/anais2010/alinecristina.pdf>

PEDRUZZI, Thiago. O Rio de Janeiro sob a pena de Joaquim Manoel de Macedo. *Revista eletrônica de crítica e teoria de literaturas*,

UFRGS. Disponível em:

<http://seer.ufrgs.br/NauLiteraria/article/view/4902/2811>

PORTOLOMEOS, Andréa. A crônica machadiana na formação da literatura brasileira. Disponível em:

http://www.filologia.org.br/machado_de_assis/A%20cr%C3%B4nica%20machadiana%20na%20forma%C3%A7%C3%A3o%20da%20literatura%20brasileira.pdf

RIBAS, M. C. C.; DOMAS, M.; PESSANHA, K. S. A crônica em sala de aula: trabalhando com um gênero menor. *SOLETRAS*, São Gonçalo, UERJ, v. 18, p. 7-23, 2009.

SANTIAGO, Silviano. Crítica literária e jornal na pós-modernidade. *Revista de estudos de literatura* – UFMG. Disponível em:

www.letras.ufmg.br/poslit/08_publicacoes_txt/ale_01/ale01_ss.pdf

SÁ, Sérgio Araújo de. Ler o escritor: *mass media* e contextos. In: _____. *A reinvenção do escritor: literatura e mass media*. Belo Horizonte: UFMG, 2010.

SANTOS, Jeana Laura da Cunha. Machado de Assis: a crônica no jornal/o jornal na crônica. Disponível em:

<http://www.almanaquedacomunicacao.com.br/artigos/1457.html>

SOARES, Marcus Vinicius Nogueira. A crônica oitocentista: "Ao correr da pena", de José de Alencar. XI Congresso Internacional da ABRALIC-USP. Disponível em:

http://www.abralic.org.br/anais/cong2008/AnaisOnline/simposios/pdf/075/MARCUS_SOARES.pdf

STRZODA, Michelle. *O Rio de Joaquim Manoel de Macedo: jornalismo e literatura no século XIX*. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2010.